

O Dr. Raul Pilla, Em Sensacional Carta Ao Dr. Silvio Faria Corrêa, Revela a Tentativa De Desagregação Do Partido

“... para os trãsfulgas, que pretenderam entregar o Partido ao Ditador, toda tolerância parece pouca”

BAGÉ, 12 (Do correspondente) — Na sessão de ontem, quando um dos congressistas falava sobre a vigorosa personalidade do dr. Raul Pilla, o dr. Silvio de Faria Corrêa — um dos mais prestigiosos líderes libertadores da vasta zona da fronteira — aproveitando a oportunidade, fez a leitura da carta que havia recebido do eminente líder udenista, esclarecendo pontos que não eram do conhecimento publico. A carta, pelo seu conteúdo, foi muito aplaudida pelos congressistas. A assembléa pediu a sua divulgação para o conhecimento da opinião publica nacional, como sendo uma autentica lição de democracia. Os seus termos são seguintes:

“Porto Alegre, 20 de maio de 1945. Ilmo. Senhor Dr. Silvio Faria Corrêa — São Gabriel. Caro amigo Silvio. Por telegrama, acusei o recebimento de tua carta de 14 do mês corrente. Vai agora a contestação.

Não disse absolutamente, na carta ao Dácio, que “quem não se manifesta é porque está com a Ditadura”. O que lá está é o seguinte: “Entretanto, urge uma definição. Porque, estando calados, estão, de fato, os libertadores gabrielenses apoiando os homens da — “Advertencia”.

O Dr. Raul Pilla...

(Continuação da última página) malgrado presidente do Dire-

tório (a sua presidência durou alguns dias apenas) e, além disto, um dos mais caracterizados sustentáculos da Ditadura, deverão reconhecer vocês que QUALQUER CORRELIGIONÁRIO tinha o direito de conclamar os libertadores a apoiarem a candidatura democrática e a organizarem-se para a luta proxima. Esse direito, que não se poderia negar a nenhum libertador na presente conjuntura, vocês mo negam a mim, que não me dirigi aos companheiros como presidente do Diretório ou pretendo chefe do Partido, mas simplesmente como libertador, embora carregado de maiores responsabilidades que a maior parte dos correligionários!

Assim, a attitude que tomei, tinha eu não só o direito, mas ainda o dever de tomá-la. E, a este dever não me poderia furtar, ainda que o quisesse. Efectivamente, fui solicitado por emissários das forças oposicionistas nacionais a dar o meu apoio a candidatura Eduardo Gomes. Para receber o primeiro desses emissários, interrompi eu a minha habitual estação de águas em Iraí. Poderia eu responder que o Rio Grande do Sul continuaria dormindo a bom dormir e que os libertadores só se moveriam ao aceno dos serventuários da Ditadura?

Em suma, fiz o que qualquer libertador poderia fazer assumindo, naturalmente, a responsabilidade dos meus atos, e que eu, particularmente, não poderia deixar de fazer, dados, já não digo meus títulos, mas os meus antecedentes. E, ainda assim, não procedi arbitrariamente. Reuni e ouvi os companheiros que se encontravam ao

Parece-me grande a diferença do conteúdo entre os dois trechos. O que pretendi significar foi que, tendo a “Advertencia” — ordenado aos libertadores que se abstivessem de manifestações, os que se mantinham calados estavam prestigiando de fato, isto é, embora sem intenção, os seus autores. Não está claro?

Compreende-se que vocês não pudessem avallar ao certo “a amoralidade da attitude das ovelhas desgarradas”, pois não tinham todos os elementos para julgar. Eu, porém, os possuía, desde que no selo do extinto Directorio Central, quase um ano antes do golpe, percebi a conspiração do Walter, Lizardo, Fontoura e Pasqualini em favor do Getulio, sob pretexto de combater o Flores.

Compreendi perfeitamente a attitude conciliatoria de São Ga-

briel, embora a julgasse pouco assente nos fatos, tanto assim é que me limitei a responder não poder convir na solução proposta pelos motivos aduzidos nos meus artigos.

Agradeço muito o convite para assistir a reunião do dia 1.º, que, espero, terá o brilho condigno das tradições democráticas dessa terra, e lamento que os meus afazeres me impeçam de sair da capital. Não é tanto pelos poucos dias de ausência, como porque, dado o primeiro passo, não me poderia eu recusar a atender a outros convites.

No telegrama que te enviei, pedia-te me desses o endereço do Camilo, pois embora nenhuma duvida tenha quanto aos teus poderes de plenipotenciário, não quero se possa ele queixar de que não tive sequer a gentileza de me dirigir a ele.

Tenho sido tantas vezes tão mal julgado, que procedo agora com a maxima cautela...

Quanto a São Sepé, falei ao Orlando, recém chegado do Rio, o qual me disse ter ali já estado e achar-se disposto a voltar. Pretendo escrever uma carta ao nosso amigo Percival.

Isto posto, passemos agora a uma grave acusação contra mim levantada por Carlos Brasil e Breno Fischer, de Bagé e alguns companheiros de Caçapava, e por ti também perfilhada: ter eu impresso ao Partido, nesta contingencia, uma orientação unipessoal, “orientação de todo incompatível com a nossa organização interna e que não se coaduna com a tradição da nossa formação politica”.

Eston eu, pois, sentado no banco dos réus, no mesmo banco a que vocês não quiseram trazer os homens da “Advertencia”. Vou defender-me, lamentando que a acusação não tenha sido trazida a publico, para que tambem de publico, lhes pudessem eu dar a resposta. (O Manoel Pucheco Prates formulou publicamente a acusação, mas a esse eu não podia responder, pois semanas antes do manifesto me fazia ele as maiores afirmações de solidariedade, afirmando ser eu o verdadeiro che-

fe dos Libertadores, etc., etc. e a ele confiara eu, nesta ocasião, que se estava cogitado, no Rio e em São Paulo, de levantar a candidatura de Eduardo Gomes).

Até o momento de receber a tua carta, pensava eu que não passasse a acusação de simples pretexto dos que estão com a Ditadura ou ainda, dos que preferem continuar no cómodo sossêgo até agora desfrutado. Vejo agora, porém, que correligionários de valor e que não refugam a luta, também ma fazem. Não devo, pois, fugir á justificação.

Vocês, os meus acusadores sinceros, raciocinam partindo de uma premissa inteiramente falsa, raciocinam como se o Partido estivesse organizado e em atividade, como se ele tivesse um Directorio e eu me houvesse sobreposto a tal Directorio. Será preciso que eu lhes demonstre que o Partido estava dissolvido por lei, que o Directorio era, pelo mesmo motivo, legalmente inexistente, que o seu mandato já se extinguira e que, antes disto, caducara moralmente, pela adesão dada oficialmente em nome do Partido, ao regime ditatorial de 10 de Novembro de 1937? Os libertadores, depois de sete anos de

um aquete hospital descobriu, então, a placa, usando da palavra ainda o dr. E. Heredia, diretor das Clinicas Hospitalares e o bispo de Bomfim, que assistiu á cerimônia.

O TEMPO

E' a seguinte a previsão do tempo fornecida pelo Instituto Regional Meteorológico Cousirat Araujo do Ministério da Agricultura: Porto Alegre — (das 17 horas de quinta ás 21 horas de sexta-feira) — tempo: bom, passando a instável com chuvas passageiras, tornando-se novamente bom; temperatura: estável esta noite, pequeno declínio de dia; ventos: predominarão os de sul a leste; das 21 horas de sexta-feira ás 21 horas de sábado: bom. Estado do Rio Grande do Sul — (até ás 21 horas do dia 17) — tempo: instável com chuvas esparsas, tornando-se bom; temperatura: estável de noite, declínio de dia; ventos: predominarão os de sul a leste.

oprobiosa ditadura, ainda andavam por aí, dispersos e desgarrados, e nenhuma autoridade já existia. Tal era a situação partidária, quando se iniciou, no Rio e em São Paulo, a admiravel reação democratica, que obrigou a Ditadura a convir em eleições e logo se polarizou em torno do nome de Eduardo Gomes. Poderia o Rio Grande do Sul e, principalmente, os libertadores, ficar indiferentes ao movimento? Claro é que não. Mas, não estando organizado o Partido, a quem competia tomar a iniciativa? Se não quiserem afirmar que ao dr. Walter Jobim, último e (CONTINUA NA 2.ª PAG.)

CLINICA DE DOENÇAS DO CORAÇÃO

DR. JAYME DOMINGUES

DOCENTE NA FACULDADE DE MEDICINA

ELETROCARDIOGRAFIA
FONOCARDIOGRAFIA
RAIOS X

CONSULTÓRIO: Galeria Chaves
2.º andar — Das 8 ás 5 horas
FONE: 7656 - 8758

PRIMEIRA CONSULTA: EXCLUSIVAMENTE COM HORA MARCADA

meu alcance. O manifesto foi resolvido numa assembléa, dos libertadores mais prestigiosos que se encontravam em Porto Alegre, Orlando da Cunha Carlos entre eles. E, CONTRA O MEU PARECER E COM O MEU PROTESTO, a quase unanimidade resolveu que eu só, e não um grupo de companheiros e antigos membros do Directorio, deveria assinar o manifesto.

E' esta a orientação unipessoal que imprimi ao Partido. E a uma conclusão muito triste chego eu agora: que um homem que sempre pautou a sua conduta pela mais estrita fidelidade aos principios, não encontra compreensão nem indulgência, enquanto para os trãsfulgas, que pretenderam entregar o Partido ao Ditador, toda tolerância parece pouca. E isto, quando se reconhece que a orientação por mim tomada era a única possível e acertada...

Quero, antes de terminar, desfazer um último equívoco, Falas na tua carta, mais uma vez, na ORIENTAÇÃO POR MIM DITADA OU IMPRESSA AO PARTIDO. Pelo amor de Deus, meu caro Silvio! Faz-me o favor de ler o manifesto de 1.º de março. Onde digo eu all orientação ao Partido? Não digo eu all considerar-me infima parcela do povo e ter dado apenas o meu voto á candidatura Eduardo Gomes, e supor que tal voto pudesse representar o sentir e o pensar dos libertadores? E' um apêlo ou uma ordem o que eu dirigi aos libertadores naquele documento? Repito: é de ficar triste, porque os que hem procedem são frequentemente mal interpretados e severamente julgados, ao passo que os outros gozam de todas indulgências.

Crelo ter respondido com verdadeiro espirito democratico, as arzuções dos companheiros. Parece-me ter agora direito a um favor teu: que comunques esta minha defesa aos meus censores. Desnecessario será também dizer-te que, por ocasião do Congresso, eu me submeterei inteiramente á critica dos companheiros.

Abraça-te cordialmente o velho amigo e companheiro.
(as.) RAUL PILLA.